

## Tapetes e leitura histórica: Entre Ginzburg e outros diálogos



Por NÚBIA AGUILAR\*

*Entender o método histórico com Ginzburg nos faz percorrer as interferências próprias adicionadas na leitura*

A costura que compõe uma história, imageticamente, pode ser construída na metáfora recorrida por Carlo Ginzburg, como os fios de um tapete trançados, em que elementos juntos formam um enredo, a trama, objeto de desejo de quem escreve. Sempre penso no tapete quando leio Ginzburg, mas disponho da facilidade da dispersão e não tardo em acompanhar outra narrativa, na representação do tapete mágico, talvez o de Aladdin. Intempestivo, logo me vem a capa de *Orientalism*, de Edward Said. Sem me mover, unem-se histórias conectadas, tudo por conta dos tapetes, ou melhor dos fios que o compõem. Desabrocha outro campo, na dialogia ancorada na comparação.

Os tapetes metafóricos têm uma capacidade impressionante de enlaces – Ginzburg é realmente certeiro, seja pela microhistória ou pelo bom manejo com as palavras, quem diria que queijo e vermes combinam tão bem para a contar a história de um moleiro?! Confesso que também me intriga o *grande massacre de gatos*, na obra de Darnton. Mas, Jean-Léon Gérôme parte de outro lugar e literalmente pinta emblemas sociais. 1879 ano indicado para a imagem que acompanharia o referenciado livro de Said. Em “The Snake Charmer” predominam tons frios, azul marcante em azulejos, e conta com um primeiro plano, centralizado, vestido pela nudez humana que segura uma cobra, a cena sobre um tapete. A obra de Gérôme desperta curiosidade e talvez seja uma ênfase em tinta ao que Said teorizou como Orientalismo. O Oriente como invenção do Ocidente, a potência discursiva que mobiliza as representações, a mesma que faz imaginar os tapetes e não por acaso esbarra em Aladdin, uma imagem popular de desenho animado tão dispersa nos anos de 1990.

Em certos aspectos, poderíamos dissertar sobre o elo de Aladdin e *Orientalism*, mas o tapete nos leva a outro domínio. Nos cingem a obra de Gérôme a outra capa de livro, *Resistência e Revolução na África*, publicado em 2019, autoria de Felipe Paiva. O diálogo crítico com Said transcorre o trabalho doutoral de Paiva, que se volta para dois líderes africanos: Nasser e Nkrumah. Enquanto no livro de Said aparecia o quadro “The Snake Charmer”, o de Paiva recorre a outra imagem, pintura anterior a primeira, “Bashi-Bazouk”. É interessante ler os trabalhos de Paiva, seja por sua riqueza intelectual, ou para adentrar em referências literárias – o rigor ao pôr em prática teoria do romance de formação, invólucro de Thomas Mann, para o estudo de líderes políticos do Egito e Gana é sem dúvida um escrito que embaralha e reorganiza as referências.

A África também foi espaço imaginado, da qual Said falou em *Cultura e Imperialismo*, um livro publicado anos mais tarde, em 1993. Mais recentemente, “Bashi-Bazouk” voltou a ser capa em obra brasileira. Em 2022, em capa dura, veio a reedição de *A manilha e o libambo. A África e a escravidão de 1500 a 1700*. Alberto da Costa e Silva é uma das grandes referências para os estudos africanos no Brasil. Quando iniciei esse texto, eu tinha em mente dar início aqui, a partir de *Um Rio Chamado Atlântico: A África no Brasil e o Brasil na África*. Mas, é inacreditável como um tema se desenrola em tantos outros, ou melhor, fios diferentes têm a capacidade de tecer diferentes tramas. O Atlântico se torna um rio, que liga duas margens, no passado e na memória, no presente e possivelmente em tempos que ainda virão. A depender do enlace, as margens e problematizações sobre esse tema ainda nos renderão as mais distintas feituras.

As interfaces do Brasil na África, e de uma África também afetada por referências do Brasil, é de uma profundidade que daria a costura de muitas peças. Costa e Silva nos conduziu bem nessa caminhada. Seus livros retomaram dinâmicas que ecoam na constância: somos ainda atingidos pela necessidade de discutir, desconstruir e reconstruir as balizas que nos guiavam em torno das histórias que prevalecem sobre o continente africano. Somos tocados pelas *Imagens da África*, das relações e movimentos, trocas que não se sustentam na potencialidade imaginativa e política das fronteiras criadas – geralmente, há séculos, as pessoas estão mais interessadas em viver do que contemplar regras dadas, *post mortem*, para as escritas de suas vidas.

As duas margens do Atlântico são contempladas na escrita e ressoam nos envoltos culturais, das faces aos gestos. Costa e Silva ressaltava o aspecto vivo de como os elementos africanos foram presentes na construção do Brasil, e daqui, partiam para lá, retomando e ampliando os *Fluxo e Refluxos*, dos quais também falava Verger. Somos o que somos em virtude, também, de onde viemos, e de forma alguma isso se resume em uma história só. Percebemos as tentativas anunciadas politicamente de apagamentos, que deixaram por décadas históricas sem serem contatadas, mas a presença constante sobrepuja o presente. São muitos fios reunidos, desejos políticos e a formação desequilibrada de narrativas oficiais. Reverte-se com o tempo, a passos largos, a reescrita. Para isso, atemo-nos ao passado e percebemos que todo lugar é parte do que se constrói sobre ele, o significado que lhe é atribuído. A África, daí, é recriada; há também outros espaços atingidos pelo *Orientalism*.

Ginzburg não só pelo tapete, vide *Medo, reverência, terror*, é fiel ao argumento de que sociedades e tempos se conectam mais do que se afastam. *Pathosformeln* é a chave para o exercício metodológico para entender emoções alinhadas ao campo da visualidade, transbordada nos diálogos entre forma e conteúdo. Seria o *Pathosformeln* um conceito útil para explicar a conexão das imagens produzidas por Gérôme e as capas dos livros nas quais descansam? É possível que tais escolhas se movimentam pelas emoções causadas no contato com tais imagens, que trazem parte de algo persistente pelo registro *em que os tempos mais ou menos curtos da história se entrelaçam com os tempos bastante longos*.<sup>[i]</sup>

A metáfora de tecer, construir os enlaces, tão bem servidos para análises que recaem sobre as manifestações europeias teria sua origem em outro lugar. Seria de fato o tapete vindo do *Orientalism*, com seus fios e tessituras? Se sim, nos encaminhamos para outra conexão, talvez o lugar imaginado, uma outra referência, um reforço a ideia inicial argumentada pelo autor, se utiliza de elementos que reforçam os contatos, apercebidos na história a contrapelo, ou no paradigma indiciário.

Entender o método histórico com Ginzburg nos faz percorrer as interferências próprias adicionadas na leitura, para compor uma conversa interna – quem lê faz isso, lê a partir do que somos e do que temos, às vezes um arsenal de memórias e referências, outras um espaço para ser habitado. Os fios de um tapete, tecem, juntam e adicionam elementos. O tapete, Alladin, *Orientalism* e diálogos com capas de livros, que guardam em seus interiores conexões nem sempre propositais – A África também construída, sentida e vivida em narrativas que foram temas, por vezes, despropositais de tantas conexões. Com eles em mãos, retomamos elementos, abordagens e cresce a possibilidade de compor tramas. Tudo volta no tapete, no método e em Ginzburg, certeiro.

\*Núbia Aguilar é doutoranda em história na Universidade de São Paulo (USP).

## Nota

[i] GINZBURG, Carlo. *Medo, reverência, terror: Quatro ensaios de iconografia política*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. p. 11

# a terra é redonda

**A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.**

Ajude-nos a manter esta ideia.

[\*\*CONTRIBUA\*\*](#)

A Terra é Redonda